

## **Ensino de História e atividades de comunicação e expressão: experiência do PIBID de História no Ceres**

### **Cesyane Soares de Medeiros**

Graduanda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### **Daniely Cristina Nóbrega**

Graduanda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### **Randson Martins de Oliveira**

Graduando da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### **Thamara Juliana Maçedo Costa**

Graduanda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A comunicação objetiva apresentar as experiências desenvolvidas com atividades de comunicação e expressão, por um grupo de bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) de História do Centro de ensino Superior do Seridó (CERES) na escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim (EECCAM) durante o período de 2011 e início de 2012. A expressão e a comunicação têm sido na educação do Século XXI requisitos essenciais para a formação do aluno e para o mercado de trabalho. Para que essa realidade pudesse fazer parte da proposta do PIBID, pensamos num projeto em que o teatro, a mímica, o cordel, o recital, a paródia, a música, os seminários e os fantoches pudessem fazer parte do ensino de História. Enfim, tudo que envolvesse a ação de se comunicar não somente pela fala, mas por meio de movimentos que envolvam o corpo. Dessa forma, estimular o movimento corporal, do gesto, da audição, da voz e da visão desenvolve no indivíduo várias possibilidades interpretativas sobre o mundo, do saber pensar e do criar. Também foi possível a abertura de um caminho para o desenvolvimento comunicativo e expressivo no educando frente uma plateia, habilidade que atormenta a maioria dos alunos. A partir do exercício da arte em sala de aula, os alunos foram instigados a se envolverem no processo de ensino e aprendizagem, desenvolvendo habilidades, competências e superando limites. As intervenções possuíram um caráter flexível e problematizador porque permitiram uma maior diversidade no manejo dos recursos e possibilitaram uma prática docente capaz de estimular a autonomia e a criticidade nos alunos, relacionando o conhecimento histórico com o cotidiano através da transversalidade e interdisciplinaridade. Tais experiências foram importantes para os bolsistas do PIBID por possibilitar vivências na realidade da educação brasileira, reduzindo a distância entre a academia e os dilemas existentes na escola.

**Palavras chave:** Comunicação. Expressão. Ensino de História

Considerando que o ensino de História deve situar-se no contexto das resoluções dos PCNS para o Ensino Médio reconhecendo que é fundamental compreender que o compromisso da História para a sociedade atual, a saber, os educandos desse nível de ensino, significa contribuir para que o jovem possa construir laços de identidade e o direcionar a formação da cidadania com o objetivo de posicioná-lo na sociedade contemporânea para melhor entendê-la, e assim capacitar o aluno a ler além das “entrelinhas”. E ainda ressaltando o papel humanizador da escola e dos professores no tocante a necessidade do aluno pensar sua própria história e superar a passividade frente a sua realidade social, é que esta comunicação se fundamenta ao

passo da importância de compreendermos as competências e habilidades estabelecidas para o ensino da disciplina de História no Ensino Médio. Nesse sentido:

Finalmente, é necessário frisar a contribuição da história para as novas gerações, considerando-se que a sociedade atual vive um presente contínuo, que tende a esquecer e anular a importância das relações que o presente mantém com o passado. Nos dias atuais, a cultura capitalista impregnada de dogmas consumistas fornece uma valorização das mudanças no moderno cotidiano tecnológico e uma ampla difusão de informações sempre apresentadas como novas e com explicações simplificadas que as reduzem aos acontecimentos imediatos. Um compromisso fundamental da História encontra-se na sua relação com a **Memória**, livrando as novas gerações da “amnésia social” que compromete a constituição de suas identidades individuais e coletivas. (PCNEM, 1991, p.26).

Pensando nesse quadro teórico-metodológico atual o PIBID (Programa institucional de bolsa de iniciação a docência) que objetiva a melhoria na formação docente e no ensino das escolas públicas de nosso país, que também atua no campus CERES- CAICÓ-UFRN com outras disciplinas e História. No caso dessa comunicação, pretendemos discutir, problematizar e apresentar o trabalho desenvolvido do subgrupo intitulado “Expressão e comunicação” do PIBID de História realizado na Escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim em Caicó (EECCAM) no ano de 2011 e início de 2012.

A inspiração para a criação desse tema surgiu com a ideia de trazer para o ensino de História fontes e metodologias diversas que estivessem em sintonia com as novas tecnologias e exigências profissionais do mundo globalizado, além de estabelecer uma ligação com as competências e habilidades dos PCNS de História para o Ensino Médio, como as que se encaixam nas competências de representação e comunicação que apontam as linguagens como instrumentos de produção de sentido, análise, crítica e interpretação.

Quando refletimos em um modelo de ensino, sabíamos da importância de estarmos em sintonia com a educação do século XXI; uma era caracterizada por uma sociedade marcada pela aceleração dos conhecimentos e acessibilidade aos meios eletrônicos como elementos de integração social. Na realidade não podemos imaginar uma estratificação dos conhecimentos e tão pouco a inviabilidade da utilização dos assuntos históricos. Portanto, o professor que pensa certo, deve ter a consciência da importância de manter uma postura que favoreça a correlação da herança sociocultural do aluno com sua realidade em sala de aula. Essa postura também estimula a atividade dialética e o conhecimento histórico acaba ficando íntimo e mais próximo do cotidiano.

Sabendo disso, a expressão e a comunicação, materializadas com atividades de teatro, mímica, cordel, recital, paródia, música, seminários e os fantoches em sala de aula, tem sido um dos caminhos ideais para a permanência do ensino da arte e principalmente de uma formação não só voltada para os conteúdos de História e para o profissionalismo, mas para a vida entendida na capacidade do aluno compreender as relações que contemplem o presente-passado-presente e o presente-passado-futuro, pois através da utilização desses meios, podemos trabalhar a criatividade artística e consequentemente desenvolver a criticidade e a desenvoltura, preparando o educando para o pleno exercício da cidadania, situando-o na vida coletiva e humanizando o uso das novas tecnologias.

O objetivo do ensino de História no ensino médio é o desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas que conduzam à apropriação, por parte dos alunos, de um instrumental conceitual – criado e recriado constantemente pela disciplina científica –, que lhes permita analisar e interpretar as situações concretas da realidade vivida e construir novos conceitos ou conhecimentos. Ao mesmo tempo, esse instrumental conceitual permite a problematização de aspectos da realidade e a definição de eixos temáticos que orientam os recortes programáticos, bem como, apontam para novas possibilidades de criação de situações de aprendizagem. Tendo em vista a impossibilidade de estudarmos o conteúdo total da história humana, e conscientes de que toda organização de conteúdos programáticos opera por seleção, baseada em noções culturais e historicamente estabelecidas, podemos fazer algumas comparações e apontar algumas direções. (PCNEM, p.78)

Ao nos utilizarmos desses recursos desenvolvemos uma experiência pedagógica que considera o educando enquanto um sujeito ativo no processo de ensino. O profissional da educação deve promover uma prática docente capaz de estimular a autonomia e criticidade dos educandos. Nesse sentido, a dramaturgia, e o que pudesse fazer jus a arte de dialogar não somente através da fala, mas com outros tipos de linguagens como a corporal, foram instrumentos de aprendizagens essenciais para alcançarmos os objetivos do nosso trabalho estimulando a construção de habilidades e competências.

Acreditamos que exista uma dimensão que possibilite aos indivíduos envolvidos nessa tarefa a uma nova subjetividade educativa que permita por meio das atividades de expressão e comunicação que o aluno seja capaz de compreender sua realidade e refazer-la partindo do diálogo, da liberdade de expressão e da rejeição a toda forma de preconceito, exclusão e discriminação tornando o processo de ensino e aprendizagem algo que, inexoravelmente, tem relação com o senso de responsabilidade

social. Assim como diz Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção.” (Freire, 2011, p.24).

E essas possibilidades partem do pressuposto que o mundo de hoje exige a competência de conhecimentos cognitivos e competências e habilidades como caráter epistemológico que não necessariamente eliminam os conteúdos, como bem frisa os PCNS de História, mas proporciona aos alunos a capacidade de lidar com as informações e não de apenas quantificá-las. São por esses e vários outros motivos que acrescentar na prática do ensino de História atividades de expressão e comunicação se tornam indispensáveis para a internalização do conhecimento, uma vez que permitem a flexibilidade entre o uso de diversos recursos potencializando a capacidade cognitiva dos educandos.

As novas gerações de alunos habituavam-se à presença de novas tecnologias de comunicação, especialmente o rádio e a televisão, que se tornaram canais de informação e de formação cultural. Entrava pelas portas das escolas uma nova realidade que não poderia ser mais ignorada. O currículo real forçava mudanças no currículo formal. Essas mudanças passaram a ser consideradas e discutidas pelos diversos agentes educacionais preocupados em absorvê-las à organização e ao currículo escolar.

Os professores tornaram-se uma importante voz na configuração do saber escolar, diminuindo o poder dos chamados “técnicos educacionais”. A história chamada “tradicional” sofreu diferentes contestações. Suas vertentes historiográficas de apoio, quer sejam o positivismo, o estruturalismo, o marxismo ortodoxo ou o historicismo, produtoras de grandes sínteses, constituidoras de macroobjetos, estruturas ou modos de produção, foram colocadas sob suspeição.

A apresentação do processo histórico como a seriação dos acontecimentos num eixo espaço-temporal europocêntrico, seguindo um processo evolutivo e seqüência de etapas que cumpriam uma trajetória obrigatória, foi denunciada como redutora da capacidade do aluno, como sujeito comum, de se sentir parte integrante e agente de uma história que desconsiderava sua vivência, e era apresentada como um produto pronto e acabado. Introduziu-se a chamada História Crítica, pretendendo desenvolver com os alunos atitudes intelectuais de desmistificação das ideologias, possibilitando a análise das manipulações dos meios de comunicação de massas e da sociedade de consumo.

Paralelamente às análises historiográficas, ocorreram novos estudos no âmbito das ciências pedagógicas, especialmente no campo da psicologia cognitiva e social. Difundiam-se estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem nos quais os alunos

eram considerados como participantes ativos do processo de construção do conhecimento. Uma perspectiva que, para o ensino de História, significava valorizar atitudes ativas do sujeito como construtor de sua história, em consonância com a visão de alguns educadores sobre propostas pedagógicas construtivistas.

Na atualidade, quando o mundo passa por profundas transformações e rápidos avanços no sentido econômico, social, político e tecnológico, a escola precisa agilizar a sua caminhada para que a educação acompanhe esse permanente processo de mutação. Para a escola estar inserida e articulada ao contexto social é preciso pensar em uma educação dinâmica, humanística, formativa e acima de tudo, democrática. Ela não é a única responsável pela justiça social, mas precisa, através de um trabalho educativo eficaz e coerente amenizar as desigualdades e preparar o indivíduo da melhor maneira possível para enfrentar a problemática do cotidiano.

Pensando nesse sentido é necessário que a escola defina o seu projeto políticopedagógico propondo uma ação educativa coletiva, inter e multidisciplinar, buscando de forma permanente, a transformação da realidade, a melhoria da qualidade de ensino e a preparação de um homem íntegro, justo, responsável, solidário e democrático. A escola precisa educar para a cidadania. Nessa perspectiva o ensino de História tem muito para contribuir.

O professor, orientador da aprendizagem, propõe atividades onde o aluno estuda observando, experimentando, testando, construindo o conhecimento utilitário, bem como, exercitando o conhecimento científico para que possa aprofundar, nessa experiência, a análise da realidade local e regional em relação à conjuntura global constituindo-se realmente em instrumento de formação de um cidadão crítico tão necessário em nossa época e em nossa realidade. Na dinamização do processo, professores e alunos são atores desta ação de desafios, de comprometimentos, de envolvimento e de esperanças de transformação sociais, educacionais, culturais, políticas, econômicas.

Para elucidar ainda mais a importância dessas atividades, tomemos como referencial o texto de Fernando Seffner : Teoria, metodologia e o ensino de História que tem como objetivo abordar toda a problemática em torno da Teoria e metodologia no ensino de História na escola fundamental e média, tomando por referencial o ambiente escolar. O autor também apresenta a dificuldade que os professores de História têm em trabalhar os conteúdos históricos, a partir da intervenção da teoria-metodológica, coisa que parece muito difícil e longe de estar inserida no âmbito escolar.

Nesse contexto, o autor destaca com toda prioridade a importância da teoria e seus procedimentos metodológicos em sala de aula, uma vez que é tarefa do professor saber “administrar” a provocação do conhecimento no aluno através das teorias e seus fundamentos. Diante disso, se identifica no ambiente escolar o exercício da teoria quando o aluno é capaz de reconhecer, diferenciar conceitos e imaginar causas e acontecimentos possíveis ou não de terem acontecido, como bem escreve Seffner: “Falar em teoria é perceber que a História não recupera o passado, mas constrói o passado, a partir de preocupações do presente, com evidentes reflexos nos projetos futuros, tanto de um país quanto de cada indivíduo.” (pág. 262).

Outra problemática comentada pelo autor é a realidade de que ainda existem professores de História que não acreditam que a teoria apreendida durante a graduação não serve para a transposição do saber escolar, isto é, não exercitam em sala de aula o que aprenderam sobre teoria e metodologia. Sabemos que é evidente que o saber acadêmico é diferente do escolar, mas não é por causa disso que cairemos num ceticismo que enalteça a separação das diversas áreas do conhecimento, pelo contrário, nossa própria inerência como disciplina humanística nos permite a mistura de saberes, desde que se usem os procedimentos adequados. Reconhecendo nessa discussão que as atividades de expressão e comunicação auxiliam na tarefa de construir as relações do presente com o passado e principalmente, que somos partícipes da História.

Com essa discussão fica fácil diagnosticar o quanto é essencial o uso da teoria e metodológica, a saber, a pedagogia como instrumento de construção do saber, já que como enfatiza Seffner: “A pedagogia é inerente a cultura. Os espaços nos educam, a leitura de romances nos educa, os objetos educam nossos corpos, os modos de lecionar História nos educa tanto quanto o que é dito ( ou silenciado) nas aulas” (pág. 264).

Com efeito, o bom uso da pedagogia e da teoria ocorreria se os livros didáticos assim como os professores se preocupassem em ensinar com profundidade as temáticas históricas, sem se preocupar apenas com a cronologia, incluindo questões teóricas e problematizadoras. Porém, uma das principais preocupações do autor e de professores que negam esse tipo de ensinamento simplista da História é como seria possível ensinar teoria da História no ensino fundamental e médio. Temos a consciência de que esse desejo ainda se encontra no campo das discussões e que levará muito tempo para se tornar realidade, mas como todo historiador, trabalhamos com as possibilidades.

Outro aspecto tratado pelo autor é a questão da leitura. Para ele como mesmo nomeia no capítulo três, “Ensinar História é ensinar a fazer uma leitura histórica

do mundo”, e isso só é possível se tivermos uma flexibilidade no manejo dos recursos permitindo que o aluno possa manter contato com as mais variadas formas de linguagens. E ainda ressalta que o exercício da leitura também compreende um saber histórico e metodológico que por sua vez, nos faz entender o mundo, por outro lado o ato de ler possibilita a prática da escrita e essa ocorre justamente quando transforma o mundo.

Essa lógica nos leva a questionar se realmente o aluno está usando corretamente a prática do ler e escrever refletindo no avanço da sua inteligência, compreensão, e transformação do mundo, ou se apenas armazenando informações e dados que nem se quer nos fazem refletir. Por isso, o autor chama a atenção para a importância do aluno de aprender a aprender, reconhecer as várias áreas do conhecimento e a dominar a leitura e a escrita. Somente dessa forma será capaz de compreender os paradigmas que existem por trás da “pele” de quem escreve a História, de que lugar escreve, qual sua identidade e que questões a partir daí se vislumbram em sua “epiderme” que é a Teoria e metodologia da História.

Traçado o perfil teórico e metodológico que cercam as discussões atuais sobre o ensino de História e os fundamentos que justificam as atividades que envolvem a expressão e comunicação podemos relatar as intervenções realizadas nas turmas do Ensino Médio da EECCAM no ano de 2011 em Caicó/ RN:

### **Antes de chegar à sala de aula**

Para que se procedessem as atividades na escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim, ocorriam semanalmente reuniões entre os bolsistas, sob a liderança do Coordenador Emerson Neves. Essas reuniões tinham o objetivo de elaborar os planejamos das ações a serem realizadas na escola com competência e fazendo jus a realidade histórico-cultural da instituição supracitada, além de discutirmos todas as problemáticas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem. Este momento era de suma importância para a realização de atividades que lograssem efeitos cada vez mais satisfatórios, pois, nestas nascia e se consolidava ideias de novas metodologias para se utilizar nas aulas de história, o que é a nossa marca registrada para se difundir o ensino.

Estas reuniões foram essenciais para planejarmos os meios e processos a serem elaborados para as intervenções na escola, além de a cada encontro promovermos o conhecimento, construindo um grupo repleto de cumplicidade e tendo a certeza de que somente o diálogo praticado por meio dessa reuniões é que nos possibilita um bom

resultado, sobretudo, porque essas reuniões são consideradas peças fundamentais e inquestionáveis para o sucesso do projeto.

Para que fosse possível a aplicação de metodologias que realmente funcionassem, antes do início das intervenções, nosso Coordenador Emerson Neves nos solicitou a elaboração e o emprego de um diagnóstico para se saber a real condição em que os alunos se encontravam no que tange, o entendimento e interesse pela disciplina de História. Com isso, por meio desse diagnóstico de cunho avaliativo quanto ao conhecimento da matéria em questão, bem como, a condição sócio- econômica e cultural dos educandos, foi possível conhecer as falhas no processo de ensino aprendido que acabava ocasionando o grande desinteresse pela disciplina – visto que História é uma das matérias que mais reprova nos vestibulares.

Tal diagnóstico tinha o interesse de identificar o nível escolar dos alunos, suas preferências musicais, o tempo que gastava com mídias em geral, – que geralmente era maior parte do seu tempo vago – o tempo que gastava estudando fora do âmbito escolar, - o que em sua maioria era quase nada – sua condição sócio- econômica – renda familiar, tipo de moradia, se o aluno enfrentava dupla jornada encarando um emprego de meio expediente – e o grau de dificuldade e aceitação com relação aos conteúdos de História. Uma vez conhecida as peculiaridades individuais dos discentes e do meio em que eles viviam, foi mais fácil elaborar planos que se adequassem a melhor maneira de fazer esses estudantes aprenderem e se coligarem com os conteúdos históricos, mudando o quadro de quase total repulsa pela disciplina, julgada como decorativa e de nenhum valor para a vida social. Para tanto, se discutiu quais as tendências teóricas- metodológicas que melhor se adequavam a realidade da escola, seguindo o perfil dos alunos e amparando-se nos PCNS.

Sendo assim, percebemos que as atividades iniciais no corrente ano estão sendo bem desenvolvidas numa equipe que integra a análise da disciplina de História, a relação do passado com o presente, os recursos adequados e a incorporação da capacidade intelectual de seus participantes, soma que se converte na tentativa de melhorar o ensino da disciplina de História.

### **Expressão e Comunicação**

Essa foi a nossa primeira intervenção no ano letivo de 2011, feita na turma do 3º ano noturno, foi uma aula em horário normal não em horário invertido como as outras. A turma era composta por uma diversidade de alunos, principalmente em sua faixa etária. Isso acontece porque é uma turma da noite e os alunos trabalham durante o dia,



compondo um quadro da faixa etária de alunos mais velhos que os alunos dos turnos matutinos e vespertinos. Essa aula dada pelo grupo foi bem dinâmica, uma vez que foi trabalhada a expressão corporal: teatro, recital de poesia, composição, paródia e mímica. Primeiramente foi feita uma dinâmica de socialização e foi usada a expressão corporal com o intuito de animar o ambiente. Em seguida foi trabalhado o conteúdo programado pelo professor. Na intenção de internalização do conteúdo, a turma foi dividida em grupos, onde cada grupo ficou com uma tarefa diferente, como teatro, poesia e música, sendo que era relacionado ao conteúdo visto – O Absolutismo e a Independência dos EUA.

### **Oficina de máscaras**

As aulas foram realizadas com as turmas do 1º ano do Ensino Médio - matutino, no horário vespertino. O conteúdo foi a Grécia Antiga, trabalhamos todos os períodos e damos ênfase à cultura e arte gregas, algo totalmente ligado a proposta do grupo, que é de trabalhar com as diversas formas de expressão que podem ser encaixadas no conteúdo do livro didático. Dessa forma, como o conteúdo ficou dividido em duas intervenções, na primeira, após a explanação do conteúdo, propomos que os alunos produzissem máscaras que, na imaginação deles e de acordo com exemplos que levamos, poderiam ser utilizadas na Grécia Antiga. O resultado foi positivo, pois contamos com a participação e a criatividade chegou a nos surpreender.

Na segunda intervenção, nos vestimos de Deusas e Deuses gregos e, de acordo com suas personalidades e características, os interpretamos, utilizando as máscaras produzidas pelos próprios alunos, algo que fez com que eles entendessem um pouco da vida dos Deuses e Deusas, além de atrair mais ainda a atenção deles para o conteúdo trabalhado, pois, de certa forma, eles se sentiram na Antiguidade Clássica.

### **Pibidengos**

Após várias reuniões e discussões sobre como trabalhar a história do Brasil Colonial, mais especificamente o “descobrimento” do Brasil, o grupo decidiu confeccionar mamulengos com materiais recicláveis: garrafa pet, retalhos de tecidos, vassoura e papel. Com os mamulengos confeccionados, uma pequena peça teatral para apresentarmos na intervenção com os alunos do 2º ano do Ensino Médio. Os personagens que utilizamos foram: a professora (Pibidiana), que contava a história para os alunos e espectadores; o Rei de Portugal, que dava as ordens para desbravar novas terras; Pedro Álvares Cabral, que chegou às terras brasileiras e entrou em contato com os índios; e os Indígenas, que tentaram resistir, mas acabaram sendo enganados pelo português.

De uma forma sucinta e humorada, apresentamos a peça de teatro da companhia PIBIDILENGOS, após esse momento promovemos uma discussão do conteúdo histórico relacionado na peça. Para envolver mais os alunos, reproduzimos a música “500 anos depois” (Composição - Planta & Raiz), dividimos os alunos em dois grupos com o objetivo de cada subgrupo elaborar uma apresentação utilizando os mamulengos, representando a compreensão da temática trabalhada.

### **A constituição da família brasileira**

A presente intervenção foi efetuada na escola EECCAM, pelo grupo Comunicação e Expressão, onde foi trabalhado um tema transversal a pedido do nosso Coordenador, para que se fosse inserido um pouco de História Cultural, tirando um pouco do peso dos conteúdos históricos cotidianos, porém exteriorizando que em tudo esta contida a História e que não precisa ser chato aprende-la e relacioná-la a nossa vida. Dessa forma, o trabalho com o tema “a constituição da família brasileira” teve como objetivo entender como se deu a formação do âmbito familiar do nosso país, que é tão híbrido. Para tanto, partiu-se de alguns grupos que representam as diversas culturas que nesse espaço habitou desde a colonização. Nesse sentido, se fez necessário conhecer as especificidades de determinados grupos étnicos, - indígenas, negros e europeus - suas culturas, hábitos, religiões, modelo político e econômico, para assim, identificar a influência dessas características na formação dos vínculos sociais existentes no Brasil, que acabaram incorporando uma grande diversidade étnica e racial.

O foco principal dessa aula era despertar a participação e interesse dos alunos pelas aulas, mostrando aos estudantes que a História esta presente em todas as coisas, inclusive na formação da família destes. Com isso, a temática abordada teve o interesse de conseguir atrair os alunos para um assunto histórico importante, que abrangia a gênese da formação das famílias brasileiras no tempo da colonização e que se refletia na formação familiar dos dias de hoje. Partindo disso, o plano dessa intervenção foi provocar os questionamentos por parte dos alunos, justamente por ser um assunto que eles se identificam e dessa forma, possibilitar que, no momento de discussão, eles se tornassem um agente ativo da história, visto que, a mistura de diferentes culturas nos território brasileiro interfere na formação da família deste educando.

A intervenção se sucedeu em três etapas. A primeira etapa compreendeu as apresentações dos bolsistas do projeto PIBID e da temática a ser abordada. Logo em seguida, foi o momento de explanação do conteúdo que partiu do conhecimento prévio dos educandos sobre o tema. Assim, em forma de uma conversa, o assunto foi sendo

inserido na discussão. O interessante é que os alunos não se esquivaram em expor suas opiniões, pelo contrário, eles levantaram muitas questões, problemáticas e fizeram muitas considerações sobre o tema. E dessa forma, o conteúdo foi explanado, considerando o conhecimento e a fala dos próprios educandos como forma de mostrar que, o docente não é o dono do saber e que as informações são instituídas por diversos conhecimentos, partindo disso, o saber constituído pela vivência do educando também é fonte de conhecimento e se mistura aos tópicos históricos.

A última etapa envolveu o momento de produção da aula. Neste momento, foi feita a opção de não arquitetar nada palpável, mas se elaborou uma produção verbal, onde em foram de socialização os alunos expuseram o que havia aprendido e defenderam seus julgamentos exemplificando seus conceitos, considerando o que foi explicada sobre as diferenças dos grupos étnicos, e suas especificidades: indígenas, negros e europeus; como forma de explicar a miscigenação, não somente da cor mais também dos costumes, hábitos, influencias religiosas, o que se reflete na formação familiar da nossa nação.

A avaliação da ação apresentada foi esquematizada, contado com a assiduidade e participação dos alunos. Solicitando sempre as considerações e questionamentos dos educandos, bem como, a colaboração destes frente ao que foi proposto. Além disso, foi ponderado o bom comportamento dos alunos, como forma de promover um ambiente mais favorável à aprendizagem. De uma forma geral, a intervenção logrou bons resultados, considerando que a participação na aula foi intensa e constante, permitindo a agregação de novos saberes tanto para os alunos quanto para os bolsistas. Assim, a ação provocou uma construção de conhecimentos recíprocos.

Ainda relacionado a temas transversais foi abordado sobre Patrimônio Histórico. É sabido que o Patrimônio Histórico pode ser definido como um bem material, natural ou imóvel que possui significado e importância artística, cultural, religiosa, documental ou estética para a sociedade. Assim, para externar o interesse pela preservação dos patrimônios locais é que se foi explanado sobre esse assunto. Exteriorizando a importância destes para a sociedade, pois ao serem construídos ou produzidos pelas sociedades passadas, representam uma importante fonte de pesquisa e preservação cultural da cidade, região ou país.

O trabalho com esse tema teve o objetivo de estimular o interesse e preservação dos patrimônios históricos existentes na cidade de Caicó. Além de, tirar as dúvidas relacionadas a essa temática, como por exemplo: o que poder ser considerado um monumento; apenas um prédio poder ser considerado patrimônio; como e quando um

imóvel é tombado por algum órgão do patrimônio histórico, trazendo a consequência de que ele não pode ser demolido, nem mesmo reformado. Essa ação também teve o alvo de deixar claro que o conceito de Patrimônio não existe isolado. Só existe em relação a alguma coisa. Assim, o Patrimônio pode ser classificado em Histórico, Cultural e Ambiental, sendo considerado um conjunto de bens materiais e/ou imateriais que contam a história de um povo e sua relação com o meio ambiente. É o legado que herdamos do passado e que transmitimos a gerações futuras.

Assim, a aula se desenrolou mais como forma de conversa, onde se foi respondendo perguntas que giravam em torno da importância do Patrimônio para a construção da história de um povo. Os estudantes estavam bastante entusiasmados com o assunto e fizeram colocações interessantes, participando bastante da aula, que acabou sendo particular. No fim, acabou sendo um momento descontraído para tirar as dúvidas.

A presente ação ocorreu no dia 18 de junho de 2012 das 19h00min às 20h30min e não tinha a finalidade de abordar sobre a temática supracitada. Contudo, como apenas uma aluna do primeiro ano do turno matutino veio para a intervenção, os bolsistas preferiram deixá-la à vontade para perguntar e falar o que achava das aulas de história. A ação desenvolvida desta forma, não teve o intuito de atenuar a seriedade do planejamento feito para a aula no dia em questão, pelo contrário, foi uma forma de tornar a aula agradável e principalmente, informativa para a aluna.

A avaliação dessa ação foi desenvolvida por meio da participação da aluna frente ao que foi proposto, bem como seu domínio do conteúdo, no que tange o levantamento de questionamento e problemáticas. Os resultados dessa ação podem ser entendidos positivamente pelo grupo, já que a permanência dos alunos na sala durante o todo horário foi voluntária a participação foi ativa em todo o momento da explanação do conteúdo, não desviando o assunto para outras conversas paralelas.

## **Guerra Fria**

Como a escolha da temática Guerra Fria teve a finalidade de seguir a sequência dos conteúdos didáticos visto pelos alunos. O objetivo dessa ação foi fazer compreender a conjuntura dos países envolvidos para assim, se entender o porquê dessa nomenclatura “Guerra Fria”, porque essa guerra aconteceu, quais os desdobramentos e quais suas consequências. Antes disso, se fez necessário analisar o contexto mundial pós-guerra (1945), para que assim, fosse possível definir os desdobramentos desencadeadores desta Guerra Fria. Para tanto, foi necessário compreender como os moldes divergentes na efetivação política e economia desembocaram nos

descontentamentos entre os Estados Unidos e a URSS. Partindo disso, pôde ser analisado como as práticas socialistas contra as capitalistas e vice-versa, comprometeram a paz mundial.

No dia da referida intervenção a aula procedeu em quatro passos. Primeiramente as cadeiras da sala foram organizadas em círculo, como forma de mudar o espaço e promover uma melhor aprendizagem, bem como, impactar os alunos, mostrando que seria feita uma aula mais lúdica e interessante. Em seguida, foram feitas as devidas apresentações dos bolsistas e depois, como uma forma de estabelecer um vínculo de proximidade e confiança com os alunos, tornando a aula menos formal e mais participativa, foi feita a “palavras dramatizadas”. Assim, várias papeis foram distribuídas entre os alunos que estavam de pé, em forma de círculo. Nestes papeis estavam escritas palavras que estavam contidas e repetidas propositalmente várias vezes em um texto que fora lido em voz alta. Quando os alunos ouviam a palavra que correspondia ao do seu papel, eles tinham que ir ao centro do círculo e fazer um gesto que considerava característico de tal palavra. O intuito era soltar de fato os alunos fazendo-os se expressarem, pois ao se expressarem com o corpo eles poderiam, no decorrer da explanação do conteúdo, expressar também suas ideias.

Esta ação acabou de fato incitando a colaboração dos discentes frente às questões propostas e também colaborou para a quebra da hierarquia existente na sala entre professor/aluno, fazendo com que o educando se sentisse um possuidor do saber, desmitificando a ideia que se tem, de que o professor é o dono do conhecimento.

A terceira etapa compreendeu a apresentação do conteúdo. Este momento foi bastante participativo e produtivo. Pois em virtude da dinâmica que estimulou a participação dos alunos, as problemáticas levantadas pelos bolsistas eram contrapostas pelos alunos e os alunos não se intimidaram e tirar suas dúvidas.

Por fim, foi feita o momento de produção. Dessa forma, foi pedido para os alunos construírem um texto sobre o assunto elucidado. Com isso, os discentes puderam expor suas visões sobre as práticas socialistas e capitalistas, fazendo perceber as qualidades e defeitos desses sistemas político-econômico.

Nessa aula foi avaliado o bom comportamento dos educandos, como forma de promover uma melhor aprendizagem e a participação, quando solicitados. Portanto, essa ação foi muito produtiva, visto que, os alunos se portaram bem e levantaram muitos questionamentos sobre a temática. Eles mesmos apontaram ser muito importantes entender as práticas e diferenças entre o capitalismo e o socialismo, como forma de entenderem as medidas tomadas pelo governo, tanto num plano nacional quanto no

internacional. Nesta atividade surpreendeu os alunos se superaram, mostrando-se bem interessados em entender como incidiu a Guerra Fria, e suas consequências para o mundo. Além de apontarem como isso se reflete nos dias de hoje. E a participação foi ativa, expondo bem as peculiaridades de cada sistema político-econômico.

Destarte a guisa de narração da experiência vivida na prática docente através da utilização de atividades de expressão e comunicação no ensino de História, percebemos que foi muito contundente, uma vez que representou um contato mais aprofundado com o ofício docente e podemos trabalhar com um rol significativo de recursos metodológicos que estão intimamente ligados as competências e habilidades expressas nos PCNS de História para o ensino Médio que referenciam os objetivos principais na educação desse nível de ensino como o de contribuir para a formação cidadã do aluno reconhecendo sua importância para os processos históricos através da capacidade em posicionar-se diante de fatos presentes a partir da interpretação de suas relações com o passado.

No que tange as ações desenvolvidas, constatamos que competências tais como: Fazer síntese histórica de processos em estudo, utilizando diferentes linguagens (escrita, oral e artística); estabelecer relações entre continuidade/permanência e ruptura/transformação nos processos históricos; posicionar-se diante de fatos presentes a partir da interpretação de suas relações com o passado; foram introduzidas e intensificadas com essas atividades.

A partir do desenvolvimento da experiência do PIBID na Escola, percebeu-se diversas mudanças no cotidiano escolar e no âmbito do grupo de bolsistas envolvidos nessa Proposta. A saber:

- Maior interação do professor-bolsista com o alunado:

Ao longo das intervenções, realizamos atividades em algumas turmas onde o nível de participação não era tão significativo. Trabalhando com recursos didáticos diferenciada como, por exemplo, mamulengos, esquetes, sátiras teatrais entre outros recursos lúdicos, notamos o aumento do número de participação dos alunos nos encontros. De outra parte, a postura descompromissada ou tímida cedeu lugar a animação e envolvimento do conjunto dos participantes.

- Melhor desenvoltura nas apresentações de trabalhos e atividades dos alunos:

Segundo alguns aluno a apresentação de seminários e os trabalhos em equipe setornaram mais fáceis e o desempenho foi bem mais satisfatório.

- Rendimento nas atividades escolares:

Sem dúvida também intensificou a interesse dos alunos em esclarecer dúvidas referentes aos conteúdos trabalhados com os professores regentes. Nesse sentido, os alunos passaram a utilizar não apenas os encontros presenciais, mas também os meios eletrônicos disponibilizados pelo PIBID, estreitando, dessa forma, a relação com os bolsistas.

Sintetizando a experiência de utilização de atividades relacionadas a teatralização no ensino de história destacamos que os resultados foram compatíveis e animadores. A partir do exercício da arte em sala de aula, os alunos se sentiram instigados a envolverem no processo de ensino aprendizagem, desenvolvendo habilidades e competências e superando limites.

As intervenções possuem caráter flexível e problematizador, o que estimulou a consciência crítica dos alunos, relacionando o conhecimento histórico à vida cotidiana dos educandos. Também é relevante destacar que a experiência desenvolvida, para os bolsistas serviu de estímulo e aproximação com realidade da educação brasileira, reduzindo a distancia entre academia a os dilemas existentes na escola.

Essa experiência ainda nos serviu de estímulo, além do choque com a realidade da educação de nossa localidade e do país, para futuramente lutarmos, cada um fazendo a sua parte, contra os percalços da prática. E, como todo bom professor que compreende os benefícios e malefícios da prática não há um melhor jeito de ensinar do que aquele que compreende que o velho também está no novo e vice-versa, e é justamente esse olhar para o novo sem deixar de referenciar o velho que o ensino de História do Século XXI repousa sob a lógica de analisar o homem em todas as suas vertentes.

Essa lógica amplia a compreensão e as inovações nos processos teóricos metodológicos direcionando as interpretações históricas a análises mais relativas e interdisciplinares, características fundamentais das disciplinas humanísticas, diferente dos positivistas e longe de uma formação educacional voltada apenas para o profissional, mas para a vida entendida nos aspectos que situa o indivíduo histórico, cultural e socialmente na coletividade, isto é, a nova História cultural. Movidos por essa perspectiva, é necessário escolher métodos que auxiliem na capacidade de relativizar as próprias ações e as de outras pessoas no tempo e no espaço afim de que o aluno possa identificar semelhanças, diferenças, mudanças, discontinuidades e permanências, capacidades

essas que se trabalhadas corretamente e em consonância com os PCNS de História podem ser desenvolvidas e internalizadas pelos alunos com o subsídio das atividades que envolvem a arte da expressão e da comunicação.

## REFERÊNCIAS

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Et AL (org). Intervenção pedagógica em aula: fontes históricas – movimento da legalidade (1961). In: REBELLO, Tiego Rocha. **Iniciação à Docência em Ciências Sociais, Geografia e História: (Re) inventando saberes e fazeres**. São Leopoldo: Oikos, 2011. p. 128- 133. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/pibid/PIBID%20%20Ciencias%20S%C3%B3cioHist%C3%B3ricas%20-%202011.pdf>>. Acesso em maio de 2012.

CHEMERIS, Henry Guenis Santos. **Os principais motivos que geram os conflitos entre israelenses e árabes na Palestina (1897-1948)**. Porto Alegre, julho de 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Editora Terra e Paz. 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 9ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

KARNAL, Leandro. História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas, 5º. Ed. SP : Contexto, 2007.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. Apontamentos para pensar o ensino de História hoje: reformas curriculares, Ensino Médio e formação do professor. UERJ. 2006.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode no ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula, Porto Alegre; v 15, n. 28, p. 113- 128, dez. 2008.

PEDRO, Antonio. **História do mundo ocidental**: ensino médio: volume único. São Paulo: FTD, 2005.

SEFFNER F, Teoria, metodologia e ensino de História. In: Questões de teoria e metodologia da História. Porto Alegre: UFRGS, 2000.p.257-288.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999.



<<http://www.portaldoprofessor.mec.com.br>. Acesso em: 27 de Abril/ 2012

<[http://www.suapesquisa.com/musicacultura/povos\\_indigenas.htm](http://www.suapesquisa.com/musicacultura/povos_indigenas.htm)>. Acesso em 18 de maio de 2012 às 14h54min.

<[http://www.goisrael.com.br/Tourism\\_Bra/Tourist+Information/Jewish+Themes/The+Jewish+People.htm](http://www.goisrael.com.br/Tourism_Bra/Tourist+Information/Jewish+Themes/The+Jewish+People.htm)>. Acesso em 18 de maio de 2012 às 15h15min.

<<http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=3907>> . Acesso em 18 de maio de 2012 às 15h45min.

<[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/familia\\_na\\_colonia\\_um\\_conceito\\_elastico\\_imprimir.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/familia_na_colonia_um_conceito_elastico_imprimir.html)>. Acesso em 19 de maio de 2012 às 17h50min.

<<http://www.suapesquisa.com/guerrafria/>>. Acesso em 05 de junho de 2012 às 12h18min.

<<http://www.brasilecola.com/geografia/principais-diferencas-entre-capitalismo-socialismo.htm>>. Acesso em 05 de junho de 2012 às 12h36min.

<[http://w3.ufsm.br/ppgppc/index.php?option=com\\_content&view=article&id=105:o-que-attrim-cultural-patrim-histo-patrim-ambiental-ou-natural&catid=7:examples&Itemid=25](http://w3.ufsm.br/ppgppc/index.php?option=com_content&view=article&id=105:o-que-attrim-cultural-patrim-histo-patrim-ambiental-ou-natural&catid=7:examples&Itemid=25)>. Acesso em 11 de junho de 2012 às 22h55min.

<<http://www.revistadehistori.com.br/secao/educacao/não-e-monumento>>. Acesso em julho de 2012 às 13h15min.

<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/historia-virtual>>. Acessado em julho de 2012 às 16h00min.